



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 27 – Ano 14 – Nº 27 – 1º semestre/2026
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – TEORIA INTEGRAL EM KEN WILBER: Contribuições dos Quatro Quadrantes para a comunicação consciente

Heloiza Aparecida Santana de Carvalho

heloiza.carvalho@uol.com.br
 Unipaz São Paulo

Sidney Carlos Rocha da Silva

sidney.rocha@ufpe.br
 Abrapet/UFPE

RESUMO: A comunicação é o instrumento cotidiano de mediação das relações e o meio para tornar comum a ética que une grupos. Este artigo apresenta uma visão integral do processo comunicacional, indicando como esse fenômeno é vivenciado e influenciado no âmbito da Perspectiva Transpessoal Integral. O objetivo é evidenciar como a perspectiva dos quatro quadrantes pode apontar caminhos para a formulação de uma prática de comunicação consciente. A metodologia consiste em uma análise teórica da comunicação à luz da Teoria Integral. Os resultados apontam a relevância da alfabetização emocional, do entendimento da semiótica integral e das quatro faces da verdade para uma comunicação plena. Conclui-se que a análise da comunicação pela concepção de Wilber possibilita vislumbrar um método comunicacional que amplia o entendimento do humano e promove melhor convivência e ampliação dos níveis de consciência. Palavras-chave: Teoria integral de Ken Wilber; quatro quadrantes; comunicação consciente; transdisciplinaridade.

ABSTRACT

Communication is the daily instrument for mediating relationships and making common the ethics that unite groups. This article presents an integral view of the communication process, revealing how the phenomenon is experienced and influenced from the Integral Transpersonal Perspective. It aims to demonstrate how the perspective of the four quadrants, inspired by Ken Wilber's AQAL model, can guide a conscious communication practice dialoguing with Integral Transpersonal Psychology. A bibliographical and qualitative methodological approach was adopted, selecting references from major scientific databases, and analyzing emerging conceptual categories. Findings indicate the relevance of emotional literacy, integral semiotics, and the recognition of different forms of truth for full communication. The article concludes by affirming the potential of Integral Theory as a method to broaden human understanding and enhance collective consciousness, outlining future research directions and identifying current gaps in Transpersonal Communication Studies

1. INTRODUÇÃO

Nascemos e nos desenvolvemos por meio das relações, todas mediadas pela comunicação. Analisar como tornar melhor a relação humana, portanto, significa estudar a comunicação. Por esse motivo, a parte inicial deste trabalho se destina a tratar do campo dos estudos comunicacionais, que nasce a partir da Teoria Hipodérmica ou Teoria das Balas Mágicas. Ela concebe a população como um alvo amorfo formado por pessoas socialmente isoladas, incapazes de analisar e impossibilitar o poder midiático. Nessa lógica bélica, a comunicação de massa é uma arma que dispara informações por meios que atingirão seus alvos, sem falhas, como uma agulha que injeta algo num corpo.

Marcada pelo behaviorismo de Pavlov, a Teoria Hipodérmica se **estabelece com** Harold Lasswell em seu estudo “Técnicas de propaganda na Guerra Mundial”, considerado “[...] o primeiro trabalho representativo daquilo que depois ficou conhecido como pesquisa em comunicação de massa” (MATTELART, 1994, p. 66).

Numa posterior subjugação à cientificidade, a comunicação ganha formato matemático com Claude Shannon que publica, em 1948, o esquema até hoje repetido que define a equação em que o emissor emite a informação por intermédio de um meio, que a transporta até um receptor que a recebe, decodifica e responde ou não.

Do modelo emergem o conceito de informação como algo quantificável e um problema essencial – a saber: “reproduzir em um ponto dado, de maneira exata, uma mensagem selecionada em outro ponto” (MATTELART, 1994). Assim, determina-se também o cálculo do custo de envio de mensagens e a figura das perturbações aleatórias do processo – os ruídos.

As chamadas teorias de segunda fase da Comunicação, por sua vez, surgem para pesquisar efeitos, origens e funcionamento da Comunicação Social e seus aspectos tecnológicos, sociais, econômicos e políticos. A mais recente delas – a Teoria do Newsmaking – pressupõe que as notícias seguem uma estrutura em razão da rotina industrial para sua produção. Ou seja, considera uma visão dominada pela economicidade, na qual tecnologia tem peso relevante.

Como se vê, as diversas correntes não integram suas visões sobre a Comunicação a partir de lentes individuais (micro) e sociais

(macro). Elas seguem perspectiva fragmentada, o que torna razoável supor que isso implique menos potência para lidar com a complexidade. Tomando como fundamento Yves Winkin (1981, p. 19) para quem a “comunicação é muito menos um objeto de estudo e mais um ponto de vista teórico sobre o mundo social”, daí emergem questões, como: “Uma visão integrada da comunicação e do todo que ela abarca – o psicológico, o social e o econômico juntos – pode promover maior entendimento sobre quais são os obstáculos para sua melhor fruição? Ao integrar a complexidade e a integralidade, a comunicação torna-se mais efetiva?”. Como se viu acima, essas são questões pouco ou nada exploradas nas Teorias da Comunicação.

Nossa aposta é que a visão integral presente na perspectiva transpessoal possa tornar a comunicação mais consciente e favorecer relações sob uma nova ética. Este estudo, portanto, avaliará essa hipótese. Para isso, apresentaremos a Perspectiva Transpessoal e a Teoria Integral de Ken Wilber e trataremos dos elementos essenciais do grande Mapa do Sistema Operacional Integral (SOI). Analisaremos ainda a comunicação tomando os quatro quadrantes como bússola para sugerir itens que colaboram para a comunicação orientada para a complexidade. São eles: alfabetização emocional, reconhecimento da Semiótica Integral, entendimento das Quatro Verdades e dos Olhos do Conhecimento e percepção do propósito humano assentado em atuar em prol do bom, do belo e do verdadeiro.

1.1 Procedimentos Metodológicos

Seguiremos, portanto, a metodologia de análise bibliográfica para apresentar o potencial impacto da análise sob a ótica integral dos processos comunicacionais. Inserida no contexto de uma pesquisa de natureza qualitativa, a investigação do tipo bibliográfica não se resume, nem se confunde, com a etapa da revisão da literatura. Segundo Boccato (2006, p. 266), o método do tipo bibliográfico é uma pesquisa própria uma vez que “busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”.

Esta pesquisa adota, portanto, análise bibliográfica qualitativa, com seleção de textos consultando bases internacionais e nacionais, focando nos descritores “Transpessoal”, “Integral”, “Ken Wilber” e

“Quatro Quadrantes”. Os critérios de inclusão privilegiaram obras reconhecidas internacionalmente no campo da Psicologia Transpessoal e de Ken Wilber. A análise priorizou artigos, capítulos e livros que articulam Teoria Integral e práticas comunicacionais conscientes em uma perspectiva transpessoal.

1. A DEMANDA PELA INTEGRALIDADE: a Perspectiva Transpessoal e a Teoria Integral

A fragmentação da ciência não é algo novo. Com o paradigma do “penso, logo existo”, a busca pelo conhecimento tornou-se cada vez mais técnica e metódica. Desde a antiguidade, tem-se conhecimento da preocupação de pesquisadores das mais diversas áreas em não promover isolamento, mas sim atuar em prol do compartilhamento de conhecimentos e achados (WHITLEY, 1984). Diversos autores apontaram a relevância do tema, como Jürgen Habermas, que, em uma macrovisão, sugeriu a necessidade de uma nova racionalidade, com filosofia, ciência e vida se contrapondo à razão instrumental. A superespecialização, contudo, prevaleceu. É obvio que o modelo traz resultados importantes, como o desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia. Ele, porém, implica alienação de mitos, saberes e fazeres tradicionais, que são tratados de modo apartado do conhecimento racional.

Para fazer frente a esse quadro, surge na década de 1960, nos Estados Unidos, o movimento transpessoal, para repensar a noção de sujeito considerando contextos mais abrangentes. Batizado por Abraham Maslow como a “quarta força da Psicologia”, o movimento convidava a uma visão além da propiciada pelas escolas que o antecedem – a saber: a psicanálise, a psicologia behaviorista e a humanista, segundo o próprio Maslow (1962, p. 128):

[...] uma transição, uma preparação para uma ainda mais elevada, quarta psicologia, transpessoal, trans-humana, centrada mais no cosmos que nos desejos e interesses humanos, além do humano, da identidade, da atualização do ser e do resto.

Com a Transpessoal, vencia-se o entendimento behaviorista dos humanos e a

ênfase na doença dada pela psicanálise. Em termos de conteúdo, o movimento, como aponta Pierre Weill, “busca dissolver toda espécie de reducionismo: o somático, o religioso, o nihilista, o materialista ou substancialista, o mecanicista, o antropomórfico, entre outros”. No aspecto social e histórico, ao derrubar o binômio ciência–espiritualidade e incluir estados ampliados de consciência, a Transpessoal reflete o maior impacto de filosofias e tradições orientais em parcelas dos Estados Unidos, notadamente na Califórnia.

É em meio disso que emerge a abordagem integrativa de Ken Wilber, um caminho e, ao mesmo tempo, um mapa para apoiar o indivíduo a se perceber e perceber o mundo de modo mais amplo e efetivo. Para isso, a Integral propõe um movimento no qual:

vamos da parte para o todo e voltamos, e nessa dança de compreensão, nesse incrível círculo do entendimento, despertamos para o significado, para o valor e para a visão: o próprio círculo do entendimento nos guia, costurando os pedaços, curando as fissuras, reparando os fragmentos dilacerados e torturados, iluminando o caminho à frente (WILBER, 2017, p. 17).

A abordagem integral propicia, portanto, uma macrovisão sem que se desconsidere os aspectos subjetivos e inerentes a cada observador. Ela se alinha e avança em discussões centrais da Psicologia Transpessoal internacional, dialogando com autores como Abraham Maslow, Stanislav Grof e Frances Vaughan, entre outros. O modelo AQAL (All Quadrants, All Levels, All Lines, All States, All Types), apresentado por Wilber, possibilita uma visão não fragmentada do ser humano e amplia o escopo das investigações transpessoais, conjugando quadrantes, níveis de consciência, linhas de desenvolvimento, estados mentais e tipos. Tal abordagem permite conectar o campo científico ocidental a práticas e saberes orientais, reforçando o caráter integrativo da Psicologia Transpessoal mundial.

Autor	Corrente / Contribuição	Relação com a Integral
Maslow	Psicologia Humanista	Pré-transpessoal
Grof	Estados ampliados de consciência	Transpessoal
Wilber	Modelo Integral (AQAL)	Método integrativo

Tabela 1 – A relação entre Psicologia Transpessoal, seus autores, e Ken Wilber

2.1. Ken Wilber: por uma visão integral

Kenneth Earl Wilber Jr. nasceu em janeiro de 1949 em Oklahoma City (EUA) e desde cedo manifestou interesse por matemática e ciências naturais. Isso o levou ao curso de medicina na Universidade de Duke. No primeiro ano, contudo, sua jornada alterou-se após a leitura das frases iniciais do livro Tao-te Ching, de Lao Tsé, que lhe causaram um impacto profundo e o abandono do curso de medicina.

Dado o temor de convocação militar, retomou os estudos, dessa vez em Química e Biologia, apenas para efeito proforma. Sua atenção seguia outros focos: filosofia oriental e ocidental, teorias psicológicas, religiões e metafísica. Conforme se aprofundava, Wilber se dava conta das dissonâncias entre as várias escolas analisadas e suas concepções.

Comecei a me perguntar se todas essas diferentes escolas estavam realmente estudando o mesmo ser humano. Parecia muito mais provável que o mundo fosse realmente habitado por quatro ou cinco espécies humanas totalmente diferentes e que cada uma dessas escolas tivesse, simplesmente, separado os representantes de cada espécie e construído suas teorias em torno deles (WILBER, 1982, s/p).

Pode-se dizer que esse é o ponto de

partida de seu esforço de entendimento, integração e costura das mais importantes teorias a respeito do potencial humano. A ela, junta-se uma questão derivada: “Afim, como poderiam estar errados pensadores geniais como Buda e Freud?”. É com base na resposta para essa questão que o autor estabelece o Mapa Integral – a grande reunião de padrões e elementos por meio dos quais os humanos apreendem a realidade.

2.2. O Mapa Integral

Como ponto de partida para a construção desse mapa, Wilber percebeu a parcialidade de diversas teorias a respeito do potencial humano. Nem Freud, nem Buda estavam completamente errados. Estavam ambos parcialmente corretos. O motivo para isso são os diferentes pontos a partir dos quais cada um analisa a humanidade.

Ou seja, de fato, as diversas teorias pesquisadas por Wilber se debruçavam sobre diferentes grupos de humanos. Não porque há distintas espécies humanas e sim porque os diversos grupos atuam a partir de diferentes entendimentos. Essa compreensão aponta um quadro em que as diversas correntes psicológicas e filosóficas não conflitam entre si.

Não é que elas estivessem tratando o ser humano de diferentes ângulos; elas estavam analisando diferentes

níveis do ser humano por diferentes ângulos e, portanto, não eram contraditórias e sim largamente complementares (WILBER, 1982, s/p).

O Mapa Integral se organiza com base em cinco elementos, em uma organização maior com concatenação das partes. Para explicar isso, deve-se saber o que é um hólón: elemento que é, em um só tempo, parte e todo. Átomos, por exemplo, são hólons e parte de outros hólons (as moléculas), que, por sua vez, são parte de células e assim por diante. Na Perspectiva Integral, nós e o universo somos hólons, compostos de hólons. Assim, compreender a relação entre hólons é entender o Mapa Integral, seus níveis, linhas, tipos, estados e quadrantes.

2. 3. Níveis de consciência, linhas, tipos e estados

Um ingrediente essencial do Mapa Integral são os níveis de consciência. Eles tratam dos diversos olhares sobre o mundo e apontam se o indivíduo se limitará ao foco no próprio “eu” ou se valorizará a realidade além de si – outras pessoas, comunidades, animais, seres sencientes, a natureza e o cosmo.

Para Wilber, os níveis de consciência são os grandes elementos de distinção entre os humanos ao estabelecer a diferença entre comportamentos e modos de perceber o mundo. Nesse quadro, a trilha do desenvolvimento humano é o caminho de cada indivíduo rumo a níveis de consciência mais complexos, de acordo com uma holarquia: cada nível transcende e inclui o anterior e um nível mais complexo integra o conhecimento e o jeito de ver a realidade do anterior.

Ao alcançar um novo nível, portanto, cada indivíduo incorpora novas qualidades de forma permanente. Vencido o estágio egocêntrico, por exemplo, o indivíduo passa ao nível etnocêntrico e volta sua atenção ao seu grupo de pertencimento. Na ampliação ao nível mundicêntrico, a consciência se volta ao todo, incluindo o próprio “eu”.

Segundo a visão wilberiana, o desenvolvimento humano vai do pré-pessoal (pré-consciente), passa pelo pessoal (consciente) até atingir o transpessoal (supra consciente).

A teoria integral utiliza as cores do arco-íris para representar cada nível distinto (por exemplo: vermelho, âmbar, laranja, verde, ciano, turquesa). Esse espectro de cores também representa o movimento geral de uma identidade em ampliação: de “eu” (egocêntrico) para “meu grupo” (etnocêntrico) para “meu país” (socio cêntrico) para “todos nós” (mundo cêntrico) para “todos os seres” (planeto cêntrico) para, finalmente, “toda a realidade” (Kosmocêntrico) (ESBJÖRN-HARGENS, 2010)

O avanço entre níveis se dá quando há condição saudável e potencial bem definido. Para tais saltos, as linhas de desenvolvimento – outro elemento do Mapa Integral – são especialmente importantes. Elas descrevem capacidades distintas dos indivíduos, de acordo com aspectos específicos. “As linhas representam as muitas trilhas que podemos utilizar para cruzar a imensidão do potencial humano” (ESBJÖRN-HARGENS, p. 5, 2010) e tratam de diferentes concepções sobre o desenvolvimento humano. Comumente elas sinalizam desenvolvimentos independentes e não correlacionados. Ou seja, uma pessoa pode ser cognitivamente avançada e ter nível moral reduzido.

Outro elemento do Mapa Integral são os tipos, que tratam de diferentes padrões de comportamento, independentemente de níveis de consciência ou linhas. Eles são os elementos mais estáveis do indivíduo e não tem entre si uma organização holocrática.

Por último, há os estados, que dizem respeito à percepção do mundo em determinado momento. Os mais reconhecidos são os de vigília, sonho e sono profundo, embora existam os estados meditativo, os alterados de consciência e os das experiências de pico. Ao considerar os estados, Wilber permite que diferentes olhos do conhecimento sejam habilitados, o que evita que apenas a dimensão material seja considerada. A realidade, afinal, não é capturada com uniformidade.

[...] homens e mulheres têm pelo menos três olhos do saber: o olho da carne, que percebe os acontecimentos físicos; o olho da mente, que percebe imagens, desejos, conceitos e ideias; e o olho da contemplação, que percebe

experiências e estados espirituais. E isso, claro, é uma versão simplificada do espectro da consciência, atingindo desde o corpo até a mente e o espírito (WILBER, 2001a, p. 41).

Cada uma das três categorias é apropriada a uma realidade. Se o olho da carne consegue ver a chuva, o olho da mente entende o conceito da chuva, forma imagens mentais sobre ela, a explica, mas não apresenta tais imagens a outras pessoas. Já o olho do espírito pode nem mesmo ter palavras para explicar uma experiência meditativa.

Como se vê, a Perspectiva Integral permite entender os diversos meios de compreensão do mundo e abarca realidades subjetivas, objetivas e coletivas. Isso fica claro ao conhecermos os quatro quadrantes, que, junto aos demais elementos, batizam a Teoria Integral como modelo AQAL, sigla em inglês para “todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos”.

2.4. Os quatro quadrantes

Como podemos perceber na figura 2, o AQAL viabiliza a integração de diversas verdades da complexidade humana. Ao observar qualquer fenômeno, nos deparamos com, ao menos, dois pontos de vista: 1. o interior, que determina a percepção do “eu”, subjetiva e direta; e 2. o exterior, por meio do qual enxergamos realidades objetivas. Assim, os quatro quadrantes se estabelecem com base no interior e no exterior e ainda no singular e no plural, sem relação hierárquica. Numa prova da pertinência desses eixos, é interessante lembrar que os idiomas apresentam em sua estrutura pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas. É

sempre a partir deles que apresentamos nossas perspectivas. Não há outras opções. Teremos de falar em primeira pessoa (EU no singular ou NÓS no plural) ou em segunda pessoa (quando falamos de você, tu, seu ou teu) ou avaliando objetos terceiros (ele, ela, aquele, aquela, eles, elas, isto, isso, istos ou issos).

Cada um desses conjuntos de pronomes, portanto, fala a respeito de uma das quatro dimensões possíveis de análise sobre qualquer tema. O “eu” representa o sujeito observador, o subjetivo e estabelece o Quadrante Superior Esquerdo (QSE); o “nós” diz respeito ao “eu” plural, à cultura e define o Quadrante Inferior Esquerdo (QIE); o “isto” trata do objeto, fato ou comportamento observado e fundamenta o Quadrante Superior Direito (QSD); e, por último, o “istos” diz respeito aos sistemas e comportamentos coletivos observáveis e representa o Quadrante Inferior Direito (QID). Cada quadrante é perpassado por todos os níveis de consciência, por todos os estados, por todas as linhas e todos os tipos.

2. A COMUNICAÇÃO NOS QUATRO QUADRANTES

A análise da comunicação sob o ponto de vista da Teoria Integral visa compreender se, por meio dela, é possível avançar rumo a níveis de consciência ampliados. Para isso, vamos analisar um exemplo de comunicação considerando os quatro quadrantes. Há diversos caminhos a seguir, mas podemos apontar que toda comunicação é resumida conforme o quadro a seguir:

Tabela 2 – A comunicação nos Quatro Quadrantes/Aplicação do modelo dos Quatro Quadrantes ao processo de comunicação

Quadrante Superior Esquerdo EU COMUNICO	Quadrante Superior Direito MEU CORPO COMUNICA
Quadrante Inferior Esquerdo MINHA CULTURA FUNDAMENTA MINHA COMUNICAÇÃO	Quadrante Inferior Direito MINHA COMUNICAÇÃO AFETA/REFLETE MEU COMPORTAMENTO NO GRUPO

.Quando eu comunico, meu corpo transmite algo que pode ratificar ou não minha mensagem. Meu discurso, por sua vez, reflete e se fundamenta na cultura na qual estou mergulhada e afeta/impacta/fala do meu papel/comportamento no sistema social e econômico. Em outras palavras, os quatro quadrantes tratam da relação do comunicador consigo mesmo (QSE), da forma pela qual seu corpo se manifesta (QSD), de suas crenças apreendidas do meio cultural (QIE) e da manifestação de seu papel em grupos sociais e econômicos (QID). Com base nisso, serão apontados aqui meios para que a comunicação ocorra numa abordagem integral.

4. ELEMENTOS DA ABORDAGEM INTEGRAL PARA SE OBTER COMUNICAÇÃO CONSCIENTE

4.1 A emoção como meio de comunicação

O primeiro ponto que emerge da avaliação da Tabela 1 é o peso das emoções na comunicação, o que se opõe ao foco cognitivo e até matemático verificado nas teorias comunicacionais. Quando eu comunico algo, isso pode ou não ser ratificado pelo meu corpo. Os componentes das mensagens traduzidos em linguagens do corpo humano nem sempre concordam entre si. Eles podem conflitar dado o impacto das emoções.

Diferentes teorias apontem distintos componentes envolvidos na causa das emoções, mas todas convergem para o fato de que o fenômeno da emoção é complexo e provoca alterações psicológicas e fisiológicas. Assim, quando eu comunico A, posso, dada a emoção provocada, propiciar entendimento A, B ou C. Assim comunicar de modo consciente demanda alfabetização emocional, reconhecimento dos efeitos da emoção e valorização dessa primeira linguagem humana, o que exige vivência direta das emoções.

A informação, se for bem transmitida e compreendida, traz inteligibilidade, condição primeira e necessária, porém não suficiente para a compreensão. Há duas formas de compreensão: a compreensão inte-lectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. [...] A explicação é necessária para a compreensão intelectual ou objetiva. A compreensão humana vai além da explicação. Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou

compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela (MORIN, 2011 p. 82)

A alfabetização emocional altera a capacidade de autopercepção, incentiva a observação e a escuta ativas e ampliam o entendimento da complexidade das relações.

Ser alfabetizado emocionalmente abre as portas para a percepção de como as emoções se manifestam nas outras pessoas e de como são manejadas por elas. É uma função que deve ser desenvolvida continuamente ao longo da vida, uma vez que será sempre útil para percebermos que o modo de compreender o fenômeno da emoção interfere diretamente em como nos comportamos e nos relacionamos com o mundo (ARANTES, p. 93).

Esse movimento colabora para o entendimento de que as emoções não emergem com viés positivo ou negativo, mas sim como reflexo necessário. O que fazemos com elas pode ser positivo ou negativo, mas elas não devem ser alvo de reducionismo.

4.2 A semiótica integral

Analisados os quadrantes superiores da Tabela 1, vamos agora tratar dos quadrantes que trazem o que comunico (QID) e aquele que fundamenta minha comunicação (QIE). Aqui, entramos no campo da Semiótica Integral. Se no nível mítico, por exemplo, é factível compreender apenas o conceito de Deus transcendente, somente no nível holístico a ideia de Deus imanente pode ser considerada. Em um outro exemplo:

um cachorro existe no espaço sensório-motor e pode ser visto por qualquer hólon com olhos físicos. A “raiz quadrada de menos um” existe no espaço de mundo racional e pode ser vista por qualquer pessoa que se desenvolva até a dimensão de operações formais. E a “natureza de Buda” existe no espaço de mundo causal e pode ser facilmente vista por quem se desenvolva até essa dimensão. Mas nem a “raiz quadrada de menos um” nem a “natureza de Buda” podem ser vistas no mundo sensório-motor – e todas as filosofias que assumem o domínio material ou o domínio sensório-motor como a

realidade essencial não estarão capacitadas a localizar nenhuma delas (WILBER, 2017).

Assim fica claro que conceitos e ideias podem ou não ser alcançados e apreendidos, conforme o nível de consciência. Há, portanto, um mundo magenta, um mundo vermelho, um mundo âmbar, um mundo laranja, um mundo verde, um mundo verde-água, um mundo turquesa, um mundo índigo, um mundo violeta, um mundo ultravioleta e um mundo de luz clara (WILBER, 2017). E, se cada nível de consciência tem seus respectivos mundos e conceitos, há grande potencial de ruídos comunicacionais. Afinal, uma ideia poder ser desconhecida num nível de consciência ou interpretada de maneira totalmente diferente.

O mais dramático em termos de Comunicação é que não é natural esperar que se reconheça esse fato. Afinal, um mesmo significante (QSD), cujo uso gramatical ocorre com base em um mesmo padrão (QID), pode ter significado (QSE) e semântica (QIE) diversos.

É assim que emergem guerras culturais e disputas conceituais notadamente entre indivíduos de níveis de desenvolvimento etnocêntricos (âmbar-mítico). No campo das religiões, no qual predominam os níveis aquém do etnocêntrico, isso pode colaborar para eventos violentos dado o desejo de fazer valer um único entendimento.

Sejam os Batistas do Sul que explodem clínicas de aborto ou os separatistas sikh que lutam contra os hindus ou os terroristas muçulmanos que bombardeiam civis inocentes ou grupos budistas que lançam gás sarin no metrô de Tóquio, as religiões de níveis inferiores são bombas de efeito retardado prontas a explodir. Enquanto identificado com o nível mítico-literal, que vê minha religião e meu salvador como o único e verdadeiro caminho para a salvação, eu ficarei sob a pulsão, explícita ou implícita, para a guerra santa de uma forma ou outra, sob um nome ou outro, seja em suas formas mais suaves de proselitismo constante e zelo missionário, incapaz de dormir até que cada alma no planeta aceite minha religião, ou em suas formas mais graves já listadas: terrorismo, bombardeios, assassinatos, cruzadas e carnificinas, tudo em nome do glorioso e único Deus (o meu) (WILBER, 2017).

Dar clareza a esse quadro é tornar conhecido algo que só poderá ser entendido se questionado (mas por qual motivo isso ocorreria?) ou quando atingido nível de consciência que permita isso. Ou seja, é necessário promover o conhecimento da semiótica integral.

4.3 As quatro verdades

O mesmo ocorre em relação à existência de quatro diferentes faces da verdade no processo da comunicação. Somente e tão somente o quadrante superior direito trata do “isto” que reflete a verdade objetiva da ciência empírica, como vemos na Tabela 2.

Tabela 3 – As quatro verdades

Quadrante Superior Esquerdo	Quadrante Superior Direito
Veracidade Sinceridade Integridade Confiabilidade	Verdade Correspondência Representativa Proposicional
Quadrante Inferior Esquerdo	Quadrante Inferior Direito
Encaixe cultural Compreensão mútua Retidão	Encaixe funcional Teia da Teoria de Sistemas Funcionalismo estrutural Rede de sistemas sociais

Fonte: *O olho do espírito* (WILBER, p. 26)

Por quê? O QSD é aquele que manifesta o mundo captado pelo olho da carne e trata de elementos e fatos tangíveis. É apenas nele que o mapa é igual ao território representado.

Na verdade proposicional, diz-se que uma afirmação é verdadeira quando combina com um fato objetivo. “Está chovendo lá fora” é uma afirmação verdadeira se ela combina realmente com os fatos do momento. As proposições estão atreladas a observáveis únicos, empíricos e objetivos, e se as proposições combinam, diz-se que são verdadeiras. A maioria das pessoas está bem familiarizada com esse tipo de verdade. Ela orienta muito da ciência empírica e, a verdade, muito de nossa vida diária. A verdade proposicional é tão comum que muitas vezes chamamos de “verdade” para encurtar (WILBER, 1997).

Nos demais quadrantes, há outras faces da verdade. O QSE, por exemplo, trata de estados de espírito interiores e do intersubjetivo. Quando digo “me sinto alegre”, não é possível a ninguém mais ter certeza disso. Fica óbvio portanto que o QSE não permite atestar verdade proposicional, mas apenas veracidade, sinceridade, integridade, confiabilidade. Nos quadrantes inferiores, que manifestam o “nós”, a impossibilidade de se determinar verdade proposicional é ainda mais explícita, já que diversos indivíduos e o inconsciente devem ser considerados. No QIE, por exemplo, falamos de encaixe cultural ou de compreensão mútua e no QSD, de encaixe funcional, que ocorre quando uma afirmação se adequa aos sistemas sociais e sinaliza entrelaçamento das partes. Essa confusão colabora para guerra cultural, desinformação e pós-verdade e abre espaço para o entendimento da necessidade de ação política de cada indivíduo ao costurar temas da psicologia, psicoterapia, sociologia, antropologia e filosofia. Como? O próprio Ken Wilber aponta:

Funciona assim: todas as versões de psicoterapia partem do fato de que as pessoas são infelizes. A psicoterapia tenta localizar a causa dessa infelicidade. Uma pessoa que tem uma “neurose” não está bem ajustada à realidade. Mas o que é a realidade? Como podemos afirmar que alguém não está bem ajustado sem saber a que deve se ajustar? E se você “não estiver ajustado” a viver em uma sociedade nazista? Isso não é um sinal de saúde mental ao invés de doença? E assim, de repente, você deve começar a olhar para diferentes sociedades e culturas, para a antropologia e a filosofia. E você se permite algumas conclusões genuínas – sobre a natureza, a natureza, o espírito, o bom, o verdadeiro e o belo – e percebe muito rapidamente que é absolutamente inevitável tentar fazer da sociedade um lugar em que o maior número de pessoas seja livre para buscar o bem, a verdade e a beleza. Isso se torna um ardente imperativo categórico. E assim, como filósofo moderno, você se vê subitamente no amplo campo da teoria política. Você percebe que os bodhisattvas terão de se tornar políticos, por mais estranho que isto possa parecer inicialmente (WILBER, 2001).

Essa percepção do emaranhamento de áreas e temas torna óbvia a importância do entendimento da complexidade e seus elos. Saber da minha saúde psicológica é observar meus ajustamentos e desencaixes e me convida a ampliar meu olhar para cultura e sistemas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comunicar – tornar comum – o conhecimento sobre a complexidade e a integralidade é apresentar os diversos grupos humanos existentes conforme seus níveis e estados de consciência, tipos e linhas. É reconhecer seu posicionamento no Grande Mapa Integral, seus olhos de apreensão do mundo e a semiótica integral possível a cada um. É entender que somos reflexo e espelho de quatro diferentes quadrantes e que tudo tetra-emerge.

Por que propor uma comunicação consciente, fundamentada na Teoria Integral e guiada por seus quatro quadrantes? Em primeiro lugar, para retomar a importância do coletivo. O objetivo primordial da comunicação é fazer comunidade. Fica claro que o entendimento do integral e do complexo colabora para a percepção do peso do coletivo e nos convida ao olhar de grupo, sem renúncia à conexão consigo mesmo. Outro motivo é ampliar a efetividade da comunicação como elemento de avanço. Com o foco no cognitivo imposto pela racionalidade, não dominamos a linguagem emocional, nosso primeiro eixo de comunicação. E, mesmo sem clareza disso, trabalhamos com diferentes semióticas e com quatro “tipos” de verdades confundidas entre si.

Tornar a comunicação consciente, portanto, tende a nos fazer romper com práticas corriqueiras, com a comunicação displicente, fragmentada e reducionista e buscar os elementos essenciais da comunicação consciente: 1. alfabetização emocional; 2. reconhecimento da semiótica integral; 3. entendimento das quatro verdades; 4. propósito humano.

A alfabetização emocional e o reconhecimento da semiótica integral possibilitam que quem se comunica o faça com maior entendimento de si mesmo, levando ao próximo mensagens com fundamento. Os elementos permitem ainda reconhecer e compreender melhor o outro, reduzindo ruídos, dissonância, angústia, amargura e medo. Já o entendimento das quatro verdades tende a evitar agressão e preconceitos que paralisam o

entendimento entre grupos rumo a futuros desejáveis.

Por último, a compreensão do propósito humano é o elemento da comunicação consciente cujo papel é o mais claramente aspiracional e transpessoal, pois embute um convite amplo, otimista e político para a transcendência e a evolução. Por que considerá-lo um elemento da comunicação consciente e não um resultado a ser buscado? A comunicação em si tem sempre um objetivo específico, além do propósito amplo de tornar comum conhecimentos. Parece natural ter entre os elementos da comunicação consciente um eixo aspiracional, capaz de instigar, engajar e inspirar.

Como aponta Wilber (1993, p. 242) em relação à “ética comunicativa” de Jurgen Habermas, não é difícil perceber que a comunicação, quando atravessada pela perspectiva transpessoal de uma visão integral, nos possibilita, no mínimo, iniciar um movimento pós-ego, uma vez que abre margem para que “seres humanos tentem compreender-se uns aos outros numa comunidade de troca e respeito mútuos”. Portanto, concluímos que a teoria integral de Ken Wilber traz possibilidades de nos ajudar a repensar estudos, teorias e processos comunicativos por vias mais abrangentes, inclusivas e conscientes. Não é possível neste momento comprovar de forma mensurável que praticar comunicação consciente traz totalidade e plenitude, como proposto acima por Wilber. Podemos, contudo, perceber o amplo potencial que ela embute e compreender o convite para engendrar a

continuidade desse trabalho por meio de pesquisa exploratória de grupos que permita verificar a efetividade da Comunicação Consciente. Sigamos por esse caminho que pode, ao mesmo tempo, ser um mapa para a melhor compreensão da complexidade!

Entre as principais contribuições deste trabalho, destaca-se a articulação do modelo integral como ferramenta para práticas comunicacionais mais profundas e conscientes em contextos pessoais e organizacionais, além do diálogo direto com autores de referência internacional. Todavia, permanece como lacuna o aprofundamento empírico das aplicações da Teoria Integral em estudos de campo com intervenções práticas.

Entendemos que são próximos passos para sua aplicação prática:

- Elaboração de protocolos de comunicação integral para formação de educadores e facilitadores.
- Testes empíricos em ambientes escolares, de saúde e organizacionais.
- Desenvolvimento de plataformas digitais colaborativas baseadas nos quatro quadrantes.
- Capacitação em alfabetização emocional e semiótica integral para gestores e professores.
- Criação de espaços reflexivos em grupos e comunidades, ampliando autonomia e consciência coletiva.

Tabela 4 – Os elementos da comunicação Consciente e suas funções

Categoria	Descrição
Alfabetização Emocional	Reconhecimento e manejo das emoções comunicacionais
Semiótica Integral	Compreensão de significados em múltiplos níveis
Quatro Verdades	Articulação das verdades objetiva, subjetiva, cultural, sistêmica
Propósito Humano	Eixo aspiracional e ético

Essa trilha demonstra a viabilidade da Comunicação Consciente como método transdisciplinar e inovador, capaz de pros-

perar em múltiplos cenários, contribuindo para fomentar pertencimento, ética coletiva e desenvolvimento integral.

Referências

LIMA, Aldenize Ferreira de. *Contribuições da Teoria de Ken Wilber para pensar a integralidade na educação*. 2014.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

GROF, Stanislav. *Psicologia do futuro*. São Paulo: Instituto Lachatre, 2003.

KOENIG, Harold G. *Spirituality and health research: methods, measurement, statistics, and resources*. West Conshohocken: Templeton Press, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. A espiritualidade e a religiosidade em saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 33, p. 171–173, 2006.

WALSH, Roger N.; VAUGHAN, Frances. *Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia*. São Paulo: Cultrix Pensamento, 1995.

WEIL, Pierre. *Mística e ciência*. Petrópolis: Vozes, 1978.

WILBER, Ken. *A visão integral*. Rio de Janeiro: Cultrix, 2008.